



*Reflexão Estética  
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020



---

# *Reflexão Estética da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani  
(Organizadora)

---

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Adriana Demite Stephani

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

**Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

*Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo*, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA <i>NEIGHBOURS</i> DE LÍLIA MOMPLÉ	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
Rosilda Alves Bezerra	
Lorraine Sobral Correia de Lucena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA	
Rosalina Albuquerque Henrique	
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM <i>O RETRATO DO REI</i> , DE ANA MIRANDA	
Cristina Reis Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
AS MARCAS DA OPRESSÃO EM <i>SELVA TRÁGICA</i> , DE HERNANI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
João Batista Cardoso	
Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE <i>O LOUCO DO CATI</i> DE DYONÉLIO MACHADO	
Nailton Santos de Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE	
Carina Marques Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: <i>A VIUVINHA</i> , DE JOSÉ DE ALENCAR, E <i>A ABELHA</i> – VERDADE E CARIDADE	
Iza Terezinha Gonçalves Quelhas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026107</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>86</b>
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8942026109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>106</b>
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>118</b>
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>129</b>
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>147</b>
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261015</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>167</b>
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>185</b>
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>196</b>
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>206</b>
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>217</b>
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>223</b>
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>231</b>
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>242</b>
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>252</b>
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS	
Delzi Alves Laranjeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261024</b>	
<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>263</b>
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL	
Jonatas Alexandre Lima de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261025</b>	
<b>CAPÍTULO 26.....</b>	<b>271</b>
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS	
Ana María Rigotti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89420261026</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>281</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>282</b>

# CAPÍTULO 7

## O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: A VIUVINHA, DE JOSÉ DE ALENCAR, E A ABELHA – VERDADE E CARIDADE

Data de aceite: 01/10/2020

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro / FFP – Faculdade de Formação de Professores

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/5055446199136260>

**RESUMO:** O Romantismo, no Brasil, na segunda metade do século XIX, exaltou o idealismo e a individualidade, no entanto, distanciou-se das perspectivas libertárias do movimento Romântico europeu, principalmente. O romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar, apresenta um ideal de sociedade e de indivíduo propagado pela Igreja Católica, em periódicos e publicações, com tópicos que se aproximam pelo valor doutrinário. O suicídio, importante suporte da trama do romance em pauta, permite que haja um desdobramento no enredo entre um antes (o suicídio) e um depois (a elucidação de que não houve um suicídio). Trata-se de um tema caro à igreja católica, que assume um lugar privilegiado na história do romance. Investigar um periódico católico, naquele período, permite repensar, num embate mais amplo, ideias libertárias do movimento literário e cultural do Romantismo em contraste com as ideias conservadoras do catolicismo, tão marcantes na ficção alencariana. O periódico *A Abelha – Verdade e Caridade*, vinculado à Igreja Católica, em 1854, representa um momento de disputa pelo poder, não

estabilizado pela constituição promulgada em 1824. A complexa rede de relações na disputa pelo poder entre o Estado e a Igreja revela-se significativa para a cultura política e para a literatura.

**PALAVRAS - CHAVE:** Romantismo. Literatura. *A viuvinha*. José de Alencar. Periódico católico.

### SUICIDE IN FICTION AND IN THE CATHOLIC JOURNAL: A VIUVINHA, BY JOSÉ DE ALENCAR, AND A ABELHA - VERDADE E CARIDADE

**ABSTRACT:** Romanticism, in Brazil, in the second half of the 19<sup>th</sup> century, elevated idealism and individuality, however, it dissociated itself from the libertarian perspectives of the European Romantic movement, mainly. The novel *A Viuvinha* (The Widow) (1857), by José de Alencar, presents an ideal of society and of an individual propagated by the Catholic Church, in journals and publications, using themes that approach through doctrinal value. Suicide, an important support for the plot of the referred novel, allows a repercussion in the story line between a previous time (suicide) and a later time (the elucidation that there was no suicide). It is a significant theme to the Catholic Church, which assumes a privileged place in the history of the novel. Investigating a Catholic journal, at that time, allows us to rethink about libertarian ideas of the literary and cultural movement of Romanticism, based on a more comprehensive discussion, in contrast to the conservative ideas of Catholicism, so remarkable in Alencar's fiction. The journal *A Abelha - Verdade e Caridade* (The Bee-Truth and Charity journal), associated to the Catholic



Church in 1854, represents a moment of power dispute, not stabilized by the constitution promulgated in 1824. The complex relations network in the power dispute between the State and the Church reveals itself as a significant part for political culture and literature.

**KEYWORDS:** Romanticism. Literature. The widow. José de Alencar. Catholic journal.

## 1 | DA DOR AO ABISMO DA REFLEXÃO

(...) **a dor tinha dado lugar à reflexão**; e ele podia enfim lançar um olhar sobre o passado, e medir toda a profundidade do abismo em que ia precipitar-se. (*A viúvinha*, s/d, p. 11) [grifos meus]

Neste artigo propomos identificar aproximações entre o ideário católico, em sua versão doutrinária, e o romance *A viúvinha* (1857), de José de Alencar (1829-1877). O evento, que divide o romance em dois momentos expandidos, é o “suicídio” do protagonista, Jorge, na noite de seu casamento com Carolina, quando desaparece sem deixar pistas. Mantido o compromisso do casamento com Carolina, abandona-a na noite de núpcias, sem dizer a verdade sobre seu fracasso financeiro. Decidido a tirar a própria vida, sai de casa, às escondidas. A segunda parte do romance, desenrola-se sem que saibamos o que aconteceu ao protagonista.

Ao dar voz aos sentimentos contraditórios que atravessam o protagonista, num momento de mudanças (no caso da ficção, o estado civil), o suicídio ocorre apenas na consciência de Jorge, como um futuro fechado. A autoconsciência de Jorge não promove rupturas com o *status quo*, pelo contrário, a luta íntima ocorre para que se adeque aos valores de uma sociedade burguesa e capitalista. Jorge tem um tutor que o salva da falência moral e financeira por um procedimento pedagógico, ao ensinar como vencer ambas: forjar o suicídio, começar de novo, em outras terras, com um novo nome, uma outra aparência, incógnito – nem Carolina o reconhecerá ao vê-lo, mais adiante no romance. Ao protagonista é dada a possibilidade de renascer das cinzas, mantidos, inclusive, os privilégios de sua classe social, o que permitirá, no desfecho do romance, que ele se distancie do ambiente citadino e viva com Carolina num lugar paradisíaco.

Ao contrastar tópicos da ficção e dos elementos de teor doutrinário do periódico *A Abelha* – verdade e caridade, propomos uma reflexão sobre o suicídio, em sua dimensão religiosa, no amplo feixe de base do Romantismo e seu caráter multifacetado. No Brasil, o Romantismo presente em *A viúvinha*, de Alencar, assume uma face conservadora e não predominantemente libertária como aconteceu em outros países e continentes, nos quais o movimento cultural e artístico alimentou ideias e ações, no contexto das lutas pela independência das nações. O tema do suicídio, no Cristianismo, é um pecado contra a própria carne e contra Deus, onipotente criador de todas as coisas e de todos os seres. Com o passar do tempo, nas ciências sociais, Émile Durkheim promove uma ruptura do suicídio considerado no domínio do demoníaco, relacionando-o à sociedade, como observa

Anna Bárbara de Freitas Carneiro (2013):

O instigador dessa ruptura foi Émile Durkheim (1858-1917). O suicídio, segundo Durkheim (1897), é um fenômeno social, que reflete a frouxidão das normas sociais; conseqüentemente, a coesão grupal e a solidariedade estão ausentes. Ele vê no suicídio o sintoma de um trauma cultural, a expressão de um conflito comunitário proveniente ou resultante de uma dissolução parcial, mas profunda das três forças coercitivas clássicas da civilização ocidental: a família, o Estado e a religião. (CARNEIRO, 2013, p. 20-21)

Investigar um gesto extremo e tão repudiado pelas religiões, nos levou à pesquisa sobre os periódicos, subsídios de fonte primária, incorporando a imprensa – agência de produção e difusão cultural, no campo de estudos da literatura e da história social. Destacamos duas questões mobilizadoras no contexto da segunda metade do século XIX: por um lado, a predominância do poder da Igreja Católica, durante o Segundo Reinado; por outro, a questão moral e civilizatória que Alencar defendeu, como intelectual e agente político, vinculado ao partido Conservador e defensor do ideário católico então vigente.

José de Alencar reunia características pessoais que o colocavam, com frequência, no centro de polêmicas. Despertava atenção não apenas pelo talento e pela reconhecida retórica, mas por sua independência de ideias, gerou desconfianças e sofreu por suas atitudes. O escritor, neste artigo, é um Alencar múltiplo, ainda hoje relevante para a literatura brasileira. Conquistou o pseudônimo “Sênio” por sua identificação com outras figuras célebres, tidos como nostálgicos e céticos, o que o destaca, num contraponto, no ambiente de celebração da política do Império (FAÇANHA, 2018).

Alencar viveu um período de intensas transformações sociais, econômicas e políticas. Nasceu da união entre primos-irmãos, José Martiniano de Alencar e Ana Josephina. Seu pai era um padre católico que abandonou os votos para casar-se; foi deputado federal e governador. O jovem Alencar cresceu num ambiente favorável às ideias e ao debate políticos. Sua defesa da escravidão, até os dias de hoje, produz estudos brilhantes (PARRON, 2011; FAÇANHA, 2018) que não esgotam as suas qualidades e contradições como cidadão e político. Trata-se de um escritor que se incumbiu de criar uma imagem de nação e divulgar o Romantismo brasileiro, ao propor representações de nacionalidade, de raças e de convivência social e urbanidade. A função de intelectual que exerceu abarcou a cruz e a lei, sendo o Império do Brasil o “escolhido”, como herdeiro, para realizar a civilização da raça latina (DOMINGUES, s/d).

Escritor e político atuante, José de Alencar não ignorou o abismo que marcava a distância entre a educação, a formação de um público letrado no Brasil. Do continente europeu chegaram as grandes influências que moldaram o século dezenovista, todas amplamente conhecidas por Alencar. Na literatura e nas artes, a estrutura social era desfavorável à socialização da leitura, tanto da imprensa quanto da ficção, pois grande parcela da população não era alfabetizada, sequer possuía acesso a materiais escritos ou

similares. A leitura era compartilhada entre iguais, entre pessoas de semelhante condição social e cultural. Segundo Molina (2015), o cenário na segunda metade do século é o seguinte:

O primeiro censo do Império, em 1872, revelou uma população de apenas 9,9 milhões de habitantes, 8,4 milhões de pessoas livres e 1,5 milhão de escravos. Pouco menos de metade da população, 4,2 milhões, não tinha profissão definida, 1 milhão se dedicava a serviços domésticos, meio milhão eram costureiras, um quarto de milhão eram operários e 120 mil se dedicavam à indústria e ao comércio. A classe média foi estimada em 3%. Essa estrutura social não favorecia a leitura da imprensa. (MOLINA, 2015, p. 346)

À figura do escritor canônico soma-se a participação ativa do intelectual, sintonizado com uma preocupação humanística do catolicismo, favorável à introdução de certos aspectos do progresso, inclusive a urbanização nas cidades. Segundo Molina, em inícios do século XX, o Brasil deixaria de ser predominantemente rural, com a urbanização das grandes cidades, principalmente, o Rio de Janeiro.

O romance citadino ou urbano escrito pelo autor não é um retrato idealizado de uma sociedade ou de um indivíduo, muito menos um quadro de refutação da ordem instituída, pelo contrário, há uma sintonia entre a moral vigente e os anseios de ascensão da sociedade alencariana. Em *A viuvinha*, romance inserido no Romantismo, há um predomínio de ideias conservadoras, numa sociedade patriarcal e capitalista, sustentada pela escravidão. Os aspectos mais terríveis desse modelo social serviam de sustentação ao ambiente idílico nos romances, bem distante das agruras impostas à população negra e pobre. Em *A viuvinha*, temos uma sociedade de classes, sem dúvida, sem fortes antagonismos, portanto não há anseios revolucionários. De certo modo, há uma permanência de valores, mesmo residuais, de um passado anterior ao capitalismo. No livro de Michel Löwy, *Romantismo e Messianismo* (1990, p. 13), destacamos o trecho:

Na visão romântica do mundo, esse passado pré-capitalista se encontra ornado de uma série de virtudes (reais, parcialmente reais ou imaginárias) como, por exemplo, a predominância de valores qualitativos (valores de uso ou valores éticos, estéticos e religiosos), a comunidade orgânica entre os indivíduos, ou ainda, o papel essencial das ligações afetivas e dos sentimentos – em contraposição à civilização capitalista moderna, fundada na quantidade, o preço, o dinheiro, a mercadoria, o cálculo racional e frio do lucro, a atomização egoística dos indivíduos.

José de Alencar, no romance escolhido, apropria-se do tema amoroso, relaciona-o com mediações que mantinham o sentimento de honra medieval orientado não apenas em direção ao relacionamento amoroso, mas ao dinheiro, a herança paterna que reafirma a manutenção de valores patriarcais. Há uma priorização das instituições, da tradição e da Igreja e determinados aspectos do progresso (a melhoria material das condições de vida nas cidades, por exemplo).

No desfecho do romance folhetim, o espaço romanesco desloca-se para um local bucólico, afastado dos erros e vícios das cidades e do ambiente da corte, como se houvesse um lugar em que a verdade e a simplicidade, com verniz burguês, pudessem habitar. O isolamento espacial e social (o convívio dá-se entre os de idêntica classe) e o conservadorismo dos costumes predominam sobre a crença no progresso. Para que um local bucólico seja usufruído, houve um itinerário de sacrifício e redenção percorrido pelo protagonista, um jovem de família com posses, que perdera a fortuna do pai nos jogos de azar e nos atrativos da vida noturna, sem preocupação com o futuro.

A vida duplicada e o engano cultivado pela narrativa excluem o leitor do evento mais decisivo – o suicídio –, satisfazendo-o, gradualmente, para mantê-lo interessado na trama, estratégia frequente no gênero folhetim. Este gênero foi criado pelos franceses para divulgação em jornais ou periódicos, nas grandes cidades; trata-se de uma narrativa ficcional marcada pela função de entreter os leitores, que ocupa determinadas partes do jornal, os rodapés, nas primeiras décadas do século XIX.

Na França, o *Feuilleton* (MEYER, 1996) ocupou os rodapés de periódicos da época, dividindo o espaço da página com gêneros textuais variados: receitas de beleza, receitas de culinária, moda, cobertura de eventos da corte considerados mundanos e toda a sorte de textos que atraíssem leitores, cansados de periódicos repletos de comunicações oficiais e controlados pela censura de Napoleão I (NADAF, 2009). O gênero contribuiu fortemente para a aceitação de narrativas cujo tema poderia ser mais ou menos subordinado aos códigos morais vigentes. O interesse por temas proibidos ou polêmicos acentuou-se, enquanto, no Brasil, no tempo de Alencar, a preocupação com a moralidade se mantinha.

## 2 | LITERATURA E PERIÓDICOS: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E CONSUMO NA CENA POLÍTICA

Na espaço público, em construção no Brasil oitocentista, a imprensa católica, ao agregar indivíduos em torno de valores, significados mentais e culturais, torna perceptíveis as práticas de inclusão e de exclusão, como acontece em relação ao suicida, rechaçado pelas leis eclesiásticas. Alencar, atento ao que acontecia na cidade do Rio de Janeiro, acompanhava as adversidades vividas por sua população. É uma hipótese razoável considerar que o motivo para a escrita do romance, publicado inicialmente em periódico, fosse pinçado das páginas e obituários tão frequentes nos jornais da época.

Em *A Abelha* – verdade e caridade, no primeiro número, no texto intitulado “O suicida”, afirma-se que um indivíduo é um criminoso, da pior espécie, não merece perdão. No romance de Alencar, o suicídio é uma saída imaginada pelo protagonista, porém não é consumada. Predomina uma saída racional para o problema na intervenção do tutor, que reúne elementos da trama que serão conhecidos pelos leitores ao final da narrativa. Os suicidas, em sua maioria, como afirma o narrador, tiram a própria vida por motivações

financeiras, falências, ausência de perspectivas de futuro. O dinheiro, portanto, está no centro das motivações desses indivíduos.

No âmbito da imprensa, o periódico *A abelha religiosa - verdade e caridade*, em circulação no ano de 1854, foi publicado pela Empresa Typográfica Paula Brito, com destino a um público pré-determinado para assimilar e manter propósitos doutrinários, com divulgação dos feitos e ideias eclesiásticos. Dos números um ao sexto, o jornal apresenta teses e considerações a respeito de temas variados: a “Terra de Santa Cruz”, a canonização de Anchieta; as diferenças entre panteísmo, progressismo e catolicismo, com a superioridade deste último; a adoção do véu por parte de mulheres em “Triunfo da religião”; a “roda dos *engeitados*” (grafia original; grifos nossos) como uma invenção ou filha da caridade; a comparação do ateu ao mais “imprudente mentiroso”, e a solução cristã para fazer desaparecer o “facho das revoluções”. Nesse último aspecto, religião e ideias defendidas pelo Partido Conservador se aproximam.

Desde a Constituição de 1824 (NOGUEIRA, 2012) foi negada liberdade religiosa (isto é, praticar a religião em ambientes públicos) a todos que não fossem católicos. As demais religiões seriam apenas “permitidas”. De acordo com o artigo 5º:

A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com **seu culto doméstico, ou particular em casa para isso destinadas, sem forma alguma exterior de Templo.** [grifos nossos]

Nesse ambiente favorável, a imprensa vinculada às instituições católicas encontram terreno propício para sua proliferação.

## 2.1 *A Abelha religiosa – Verdade e Caridade*

Em 29/07/1854, o periódico católico publica o primeiro número, propriedade da Empresa Dois de Dezembro. Foi distribuído gratuitamente aos senhores acionistas; para os não acionistas o preço era simbólico. O jornal tinha uma sede na Praça da Constituição, número 64, no centro do Rio de Janeiro, na Empresa Typográfica Paula Brito.

No periódico católico *A Abelha Religiosa*, no subtítulo, a “verdade” e a “caridade”, além do trabalho infinito que atribuem os religiosos a Deus, ao homem caberia identificar a verdade, formar ou dispor, saber a quem a caridade se destina, isto é, quem é merecedor ou não. Na etimologia, a palavra caridade, substantivo feminino, reúne um primeiro conjunto de sentidos (‘benevolência, complacência, compaixão’), num segundo, ‘benefício, esmola’, documentada no século XIII (CUNHA, 1982). A razão e o uso da inteligência do homem são a realização mais plena da semelhança entre o ser humano e o ser divino. Nas páginas seguintes, imagens do periódico, com data de 29 de julho de 1854.

completo. O Exm. Bispo Presidente da Associação foi recebido pelos associados que se achavam presentes, entre os quaes figuravam a Presidente da Directoria a Exma. Srna. D. Carlota Guilhermina de Lima e Silva e seu marido o Exm. Sr. tenente-general Manoel da Fonseca Lima e Silva, o Exm. Sr. chefe de divisão Joaquim Marques Lisboa, vice-Presidente, e sua Srna. a Exm. Srna. D. Maria Eufrazia Lisboa, o 1.º Secretario o Sr. Dr. Sebastião José de Carvalho, o Secretario adjunto, Luiz Antonio dos Santos, o Thesoureiro o Sr. Joaquim Pereira de Oliveira Bastos, o Sr. Diogo Andrew, o Sr. José Henrique de Araujo, e outros, de quem ignoramos os nomes; as Superiores das Irmãs da Caridade do Hospital da Santa Casa, do Hospicio de Pedro Segundo, do Asylo de Beneficencia Francaza com varios Irmãos; o Visitador da Congregação da Missão o Sr. Padre Moraes, o Superior das Irmãs de Caridade o Sr. Padre Maller, e depois de se proceder á benção do edificio, disse S. Ex. Km. Missa, acompanhada do cantico sagrado entoado pelas Irmãs da Caridade e do mais profundo recolhimento do auditorio, que necessariamente não esqueceu, nas orações que com o Prelado dirigiu ao Omnipotente pelo bom exito da obra — **JOÃO VICENTE MARTINS!**.. Mais de uma lagrima attesto a este tributo de amor e de reconhecimento ao primeiro instrumento que escolheu a Providencia para plantar esta santa arvore, que promete, regada com sua graça, dar tão excellentes fructos.

S. Ex. Reverendissima, depois de visitar os tres estabelecimentos retirou-se, sendo acompanhado ate a rua do Livramento por todas as pessoas presentes, deixando-as penhoradas de sua bondade e cordialidade. Em todos os semblantes se via a satisfação transpirar.

O collegio está bem situado, a casa é vasta, isolada e bem arejada, offerecendo o mais pittoresco e encantador ponto de vista, o asylo e escola estão em um plano muito mais baixo e logo a entrada do portão, em distancia soffrivel do collegio.

Parabens, ó Brasil! ó minha terra, parabens! O beneficio que a Providencia te outorga é inapreciavel. Uma mulher educada christamente é um thesouro, é preferivel mil vezes ao dinheiro.

Honra á Associação de S. Vicente de Paulo, que compenetrada do beneficio de uma boa educação religiosa, assim procura a felicidade de seus concidadãos.

Respeito e gratidão ás filhas de S. Vicente de Paulo, ás sublimes Irmãs da Caridade, que se consagram unicamente a fazer a felicidade da humanidade, sacrificando as mais doces afeições do coração, familia e patria!

Gloria a Deos, que tanto protege o nosso Paiz!

Tributo de saudade e reconhecimento a — João Vicente Martins!

A morte deste homem, que parecia dever abalar a Associação, não fez senão mostrar que elle havia conseguido arraigar o seu pensamento no coração dos poucos socios que existiam, e que a obra era toda da Providencia: eil-a que modesta e religiosa inceta a vereda que lhe foi indicada, dando seu primeiro passo sem ostentação invocando com fervor a Deos.

E Deos a protegerá!

### O Suicida.

Oh desgraçado, tu que temes o homem encolerizado, que empalideces á vista do animal furioso, como te atreves, ó pó, a affrontar o Omnipotente?!.. O teu crime prova superabundantemente que não tens religião.

Se crêsses que existe um Deos, que por sua natureza não pôde deixar de castigar-te por teu nefando crime, não te atreverias a comparecer perante Elle, réo do roubo de uma existencia, para a qual nem directa, nem indirectamente concorreste, nem podias concorrer, e que por consequencia não era tua. Mil vezes desgraçado tu ouvirás de sua boca estas terriveis palavras: « *Aparta-te de mim, maldito, vae para as chammas eternas!* »

A verdade e o erro, a luz e as trevas, a virtude e o crime repellem-se, odeiam-se, não se pôdem alliar. Deos, virtude, luz e verdade, necessariamente não pôde perdoar o suicida voluntario, embora digam os espiritos fortes o que quizerem; o suicida voluntario não achará graça perante o Paes das Misericordias, e eternamente padecerá as consequencias de seu crime.

As leis da Igreja Catholica negam sepultura ecclesiastica ao cadaver do suicida.

Imagem 1 *A abelha* – verdade e caridade, número 1, sábado, 29/07/1854, p. 3.

da; e porque não se porá em vigor tão salutar determinação? Ai da autoridade ecclesiastica que ordenasse tal exclusão! Veja-se o que soffreu o Exm. Bispo de Pernambuco, por querer manter a disciplina, cuja guarda lhe foi confiada!

Os parentes, os amigos, os espiritos fortes e fracos, todos vociferariam contra o despotismo clerical; entretanto esses horrendos crimes se repetem amiudadas vezes entre nós!... Tremamos pelo nosso futuro !.. Não ha fumaça sem fogo; estas immoralidades pronosticam a gangrena da Sociedade.

Nenhum bruto attenta a seus dias; memoria de homem commemora que doudo algum tenha-se matado, deixando após si cartas que revelam o melhor arranjo de idéas, e até mesmo calma de espirito; consequentemente, o suicida voluntario é mesmo perante os homens e as suas leis digno de horror e de que não seja equiparado a aquelles que morrem soffrendo os revezes da fortuna, a desgraça da familia, fiel ás leis de Deos e dos homens.

Legisladores brasileiros, meditaes no que levamos dito e lembrae-vos de que sem religião não ha sociedade possível; lêde a historia dos acontecimentos, e não o pensar daquelles que a escrevem; Deos recompensador do justo, e castigador do criminoso, é a sanção da lei humana, e quem zombar de Deos, melhor zombará dos homens e de suas leis.

### Os bens de mão morta.

Estes bens, em quasi toda a Europa e no Brasil, mereceram e merecem a solicitude dos homens poderosos; este patrimonio dos pobres, enquanto não passa para a bolsa dos ricos, é objecto de compaixão para certa classe de homens que se denominam economistas, que a todo o instante choram estes capitaes que chamam enterrados e que poderiam render tanto, se fossem amobilizados; isto porém não é tanto para admirar, como a resignação dos depositarios de taes bens, que bem longe de recorrerem ao direito que lhes

assiste, deixam tranquillamente que lhes seja arrancado o deposito que lhes havia sido confiado.

Procuraremos mostrar em que realmento se emprega o rendimento dos bens de mão-morta, para o que em primeiro lugar pedimos ás respeitaveis Ordens 3.<sup>as</sup> que em carta fechada dirijam a esta typographia o numero de esmolas que dão annualmente, os doentes que tratam em seus Hospitales e a domicilio, os dotes que repartem com donzellas para se casarem, e as quantias que dão a viuvias.

A mesma petição dirigimos ás Irmandades, com especialidade ás de S. Pedro e Candelaria.

Estas informações serão opportunamente publicadas, e servirão de alicerce ao trabalho que temos em vista apresentar.

### O Hospital da Santa Casa da Misericordia.

Este estabelecimento offerece ao homem grande e profunda meditação! Quão sublime é a religião! Só ella é capaz de edificar palacios á pobreza, e á miseria! Só ella faz que o homem deixe de ser egoista, e se lembre de seus irmãos pobres; só ella é capaz de abrir a mão do usurario, e de dar um coração ao homem politico!

Que acoio, que commodidades, que soccorros, se observam nesse magestoso edificio.

Abalisados medicos, peritos operadores, sublimes Irmãs de Caridade, se consagram ao serviço da humanidade soffredora e pobre; classes, côres, estados, tudo desaparece ao ultrapassar o lumiar da Santa Casa; só o homem soffredor é o que é ali considerado. Esta importante repartição, objecto de solicitude do finado Conselheiro José Clemente Pereira, continuará na senda que elle delineou; nós o esperamos de Deos e da Administração que deve reger os seus destinos.

A *Abelha Religiosa* é propriedade da — *Empreza Dous de Dezembro* — e distribue-se — gratis — aos Sars. accionistas. Os ns. avulsos vendem-se, por ora, a 80 rs., na preço da Constituição n. 64.

Emp. Typ.—DOUS DE DEZEMBRO — de PAULA BRITO  
Impressor da Casa Imperial.

Imagem 2 *A abelha* – verdade e caridade, número 1, sábado, 29/07/1854, p. 4.

No texto “O suicida” (Imagens 1 e 2), há uma defesa contundente do poder das leis da Igreja Católica, que determina a negação de sepultamento em terreno abençoado, com os ritos católicos. O sujeito do discurso dirige-se, no início a quem chama “desgraçado”, por afrontar o “Onipotente” com seu crime (o suicídio). O fato de ser um suicida torna-o imediatamente sem razão, por não fazer uso da inteligência. É justificada a prática dessa

“salutar determinação” (das leis eclesiásticas) por ser incumbência dos clérigos a exclusão e o banimento, num procedimento pedagógico disfarçado em bem comum. No último parágrafo, o *eu do discurso* dirige-se aos “legisladores brasileiros”, clama por concordância e o argumento final é que “sem religião não há sociedade”.

## 2.1 A luta íntima: na ficção, o suicídio

Em termos de associação reflexiva, tanto o periódico quanto o romance dialogam: o valor da vida do indivíduo afeta a manutenção do Estado imperial e da Igreja. Em *A viuvinha*, destacamos os capítulos V, VI e VIII, que reúnem comentários explícitos do narrador em relação aos suicidas e ao lugar que, na cidade do Rio de Janeiro, era chamado de “O templo do suicídio”. Este se localizava no terreno onde eram realizadas obras para a construção de uma instituição assistencialista: os “largos alicerces do Hospital de Santa Luzia” (p. 15). Numa comparação com o que acontecia em outras cidades europeias como Lisboa e Paris, Alencar contorna críticas que pudessem atribuir as causas do suicídio a um processo civilizatório incipiente, no país. O escritor acompanhava os eventos num mundo cada vez mais capitalista, atento ao modo como deveria representar a sociedade brasileira, sem incorrer no erro de exibir as fraturas do sistema.

Havia um compromisso tácito do escritor com a representação do nacional e um projeto edificante da literatura (ter o que ensinar a quem precisa aprender). A elaboração da narrativa alencariana, com elementos de suspense, antecipação e retardo emprestam à história ficcional a dimensão de um romantismo que dialoga com a realidade, assegurada a manutenção de certos costumes sociais. Alencar problematiza, em sua ficção, designações atribuídas, em sua maioria, aos artistas românticos, reunidos em grupos antagônicos: “revolucionários” ou “reacionários” (SAYRE; LÖWY, 1995). Estes autores têm o cuidado de utilizar o uso mais adequado de “retrógados”, com ênfase no apego aos valores do passado.

A ausência de informações, no tempo da história é um “gancho” no enredo ficcional. Jorge, o protagonista, reaparece, no segundo momento da narrativa, como um “renascido”, com a posse da fortuna construída pelo sacrifício e obstinação, virtudes que dominam sua participação nessa fase do romance. O foco na viúva, Carolina, é um apêndice da exigência moral que prevê a submissão e a fidelidade feminina, sob o signo do engano, quando a personagem mantém seu compromisso matrimonial intacto, não reconhecendo nas faces do estranho o próprio marido. Este regozija-se, secretamente, quando, após cortejá-la, é rejeitado pela “viuvinha”: engano e virtude se completam.

## 3 | PERIÓDICOS, FOLHETINS E ROMANCES: A DURAÇÃO DO EFÊMERO

O título do periódico anuncia a proposta de doutrinação católica, mas o faz no âmbito da racionalidade, esta com mais vigor, desde a propagação dos estudos cultivados



pelos Renascentistas (LIMA, 1988). Estes preconizavam a razão e a irreligiosidade como necessidade para ultrapassar as escolhas e prioridades do homem medieval. Por esse viés, a racionalidade, em meados do século dezanovista, se propaga em textos doutrinários religiosos que não excluem a fé e as transformações sociais.

No diálogo que explora a intersecção de ideários e valores, tem-se uma cultura política, para a qual a literatura e a imprensa contribuíram diretamente para formar. Segundo Almond e Verba (1963), a cultura política é expressão de um sistema político através de percepções, sentimentos, avaliações ou práticas sociais e culturais produzidas por grupos sociais, numa tentativa de agregar valores e compartilhamentos do que é mais ou menos abstrato, mas intensamente significativo para a vida em sociedade. A orientação para a caridade, no periódico e no romance, ressalvadas suas especificidades, sugere uma percepção de que há um crescente e, possivelmente, ameaçador, número de pessoas sem meios de sobrevivência ou subsistência.

A população de excluídos não é representada na obra alencariana, pois o escritor privilegia personagens que podem viver na pobreza, não na miséria. Há uma aura de dignidade na pobreza, na casa simples onde vive Carolina, quando solteira. Não estamos diante da vida miserável, mas sim de uma representação da vida sem excessos ou adornos fúteis, mais próxima ao contexto rural. No periódico católico, a população excluída precisa ser doutrina. O exercício da caridade, portanto, torna-se um dever das instituições católicas, numa urgência inadiável.

A narrativa, nas últimas páginas de *A Viúvinha*, assume feição epistolar (estratégia apreciada por José Alencar, em seus romances); uma carta destinada a uma parente contém uma confissão que pressupõe um gesto cultuado pelo Catolicismo que é a confissão de um segredo. Após a redenção que inclui um afastamento silencioso de Carolina, que acredita ter se tornado viúva na noite do casamento; depois, o retorno de Jorge, mais maduro, com aspecto sofrido, que se impunha uma vida sem conforto até que possa assumir sua identidade primeira. Ao final do romance, o tutor, senhor Almeida, indica, em registro, os filhos do casal como herdeiros legítimos de seus bens. Jorge não apenas recuperara a fortuna paterna como recebe, por merecimento, a herança dos bens de seu tutor. Trata-se de uma herança paterna duplicada, uma resgatada pela correção do erro, outra, conquistada por merecimento, permanecendo o valor da honra, no sistema e discurso burguês dezanovista.

A herança e seus significados assumem dinamicidade operacional nas relações de parentesco e sociabilidades. A rede de relações que se visualiza no final do romance pode identificar-se ao que Jacques Le Goff (1990) designa como comunidade discursiva. Le Goff assim nomeia, no campo das representações, quando estas se ligam a um circuito de significados validados socialmente. Para tal validação, funcionam elementos de continuidade, entre eles a periodicidade do jornal, que divulga e promove os romances-folhetim. Na segunda metade do século XIX, na esfera da produção e do consumo, as

produções literárias inseriram-se, como era previsível, no capitalismo que se instaurava, num período repleto de mudanças, em vários aspectos. Na comunidade discursiva que tanto a imprensa quanto a literatura começaram a construir, no Brasil oitocentista, os periódicos são efêmeros e a construção da memória, tal como a ficção, plena de possibilidades.

## REFERÊNCIAS

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. *The civic culture*. Princeton: Princeton University Press, 1963.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FAÇANHA, Dayana. *Política e escravidão*. São Paulo: Alameda, 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 1990.

LIMA, Luiz Costa. *O fingidor e o censor*. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

LÖWY, Michel. *Romantismo e messianismo*. Ensaios sobre Lukács e Benjamin. Trad. Myrian Veras Baptista; Magdalena P. Baptista. São Paulo: Perspectiva/EdUSP, 1990.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*. Da era colonial à Regência (1500-1840). V.1. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. *Letras*, Santa Maria, v. 19, n.2, p. 119-138, 2009.

NOGUEIRA, Octaciano. *Constituições brasileiras*. V. I. 1824. Brasília: Senado Federal, 2012.

PARRON, Tâmis Peixoto. *A política da escravidão no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SAYRE, R.; LÖWY, M. *Revolta e melancolia*. O romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

### b) Digitais

*A Abelha* – Verdade e Caridade. Sábado, 29/07/1854, número 1. Site da Hemeroteca digital da FBN, disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 18/10/2016.

ALENCAR, José de. [s/d]. *A viúvinha*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. In: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2089](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2089). Acesso em: 10/07/2016.

CARNEIRO, Anna Bárbara de Freitas. “Suicídio, religião e cultura: reflexões a partir da obra ‘Sunset Limited’” In: *Reverso*. Belo Horizonte, ano 35, n. 65, p. 15-24, jul. 2013. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v35n65/v35n65a02.pdf>. Acesso em: 01/03/2019.

DOMINGUES, Beatriz Helena. “Neotomismo e ciência moderna: a revolução científica na península ibérica”. In: [www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh3/trabalhos/Beatriz%20Helena%20Domingues.pdf](http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh3/trabalhos/Beatriz%20Helena%20Domingues.pdf). Acesso em: 08/08/2019.

KLAUCK, Samuel. “A imprensa como instrumento da defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século XIX”. *Mneme – Revista de Humanidades*, 11(29), 2011, jan./julho. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>. Acesso em: 15/11/2016

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251  
Ana Miranda 20  
Angel Rama 206, 208, 209  
Antítese 167, 178, 180, 181  
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213  
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9  
Aproximaciones Biográficas 271  
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138  
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182  
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

### B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

### C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158  
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250  
Comunidade de território 159, 160, 161, 163  
Conflitos Humanos 231  
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240  
Crítica à Igreja Católica 86  
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

### D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216  
Diálogos Literários 147  
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221  
Dyonélio Machado 43, 49

## E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

## F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

## G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

## H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

## I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

## J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

## K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

## L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

## M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

## N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

## O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

## P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

## R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68  
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203  
Romance adolescente 242, 244  
Romance gráfico 252, 253, 257, 261  
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

## **S**

Saci Pererê 106, 107, 113  
Século XIX 26, 138  
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244  
Sociologia da literatura 43  
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194  
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

## **T**

Teatro Decomposto 217, 220  
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266  
Transculturaçãõ 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

## **V**

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94  
Velhice 14, 16, 18, 19, 268  
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261  
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273



---

# Reflexão Estética da Literatura 2

---

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020



# *Reflexão Estética da Literatura 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020